



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

José Afonso da Silva Junior (UFPE e UFBA)

DEJÁ-VU ONIPRESENTE: REPETIÇÃO, PREVISIBILIDADE E HOMOGENEIDADE NO JORNALISMO ON-LINE BRASILEIRO¹

RESUMO:

Este trabalho analisa os aspectos de cobertura e divulgação jornalística on-line no que toca aos aspectos de repetição, previsibilidade e homogeneidade dos fatos enfocados em veículos de atualização constante.

Para tanto, foram escolhidos como amostra três órgãos noticiosos on-line dos mais importantes no Brasil. Os resultados apontam para uma série de problemas que, com a transposição dos veículos para as plataformas on-line, notadamente a Internet ainda não foram superados no sentido de oferecer uma prática jornalística mais heterogênea e menos repetitiva.

PALAVRAS CHAVE: jornalismo on-line, interface, agendamento.

Desde o surgimento das primeiras experiências de jornalismo on-line no Brasil, em meados de 1995, os movimentos de lançar veículos jornalísticos na nova plataforma hipertextual, hipermidiática e on-line, estiveram de alguma forma condicionados por um paradigma até certo ponto fundador e invariante da crença na informação na era das redes: o fim ou recondicionamento profundo dos limites de tempo e espaço na prática jornalística no que toca a distribuição de conteúdos, notadamente à noção de fechamento de edição, aprofundamento das informações apresentadas e segmentação de públicos e conteúdos.

Esse paradigma apoiava-se em dois pontos básicos. O primeiro, que a web não estabelece limites temporais, logo a notícia pode ser atualizada a qualquer momento, permitindo assim a flexibilização permitida pelas plataformas digitais de encurtar o circuito entre leitores/ usuários, de um lado e veículos/ disponibilizadores do outro. O segundo, indo mais no sentido espacial, concebe uma estrutura para a disponibilização de conteúdos dos mais diversos tipos, afinal, se a informação digital não ocupa espaço, ela pode conter uma série extremamente diferenciada e variada de conteúdos, de jornais tradicionais a fanzines, jornais alternativos, etc. Oferecendo ao mesmo tempo o melhor dos dois mundos da imprensa, em um aparente território sem conflito: poder-se-ia ter a

¹ Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



existência dos veículos consolidados tradicionalmente e a pulverização de uma série de experimentos setorizados, que no mundo da imprensa de papel e rotativas não puderam se afirmar enquanto veículos informacionais ou jornalísticos. A web surgia como a grande porta que possibilitaria o que se rotula como audiência qualitativa eficiente.

Como audiência qualitativa podemos definir a capacidade de um órgão jornalístico poder operar direcionado a esferas de assunto e públicos diferenciados e específicos. Assim, por exemplo, ao contrário da audiência massiva a audiência qualitativa procura desenvolver estratégias particularizadas de abordagem dos conteúdos e/ou direcionamento ao público leitor. Dessa forma, os traços mais nítidos que podem ser percebidos dentro desse esquadro de produção jornalística são: a opção por um tratamento da notícia em níveis de linguagem de forma menos generalista como os órgãos essencialmente massivos (p.ex.: TV, rádio, jornais impressos) e paralelamente, a adoção de sistemas de distribuição alternativos, geralmente de custo operacional significativamente menor, buscando uma precisão e foco de audiência mais agudo que os processos comunicacionais tradicionais.

Esse estado de coisas estabeleceria, em tese, algumas resultantes para o jornalismo on-line. Pela primeira vez, um suporte midiático agregaria as esferas da comunicação massiva e interativa¹ em um mesmo processo comunicacional, permitindo uma existência simultânea de modelos diferenciados de jornalismo dentro de um mesmo ambiente comunicacional. Essa crença, trouxe a reboque uma série de discussões, dentre as quais a mais destacada pertence ao teórico e ensaísta francês Pierre Levy,² na sua concepção da comunicação todos-todos, como superação do estágio da comunicação tradicional, ou como ele mesmo definia, comunicação um-todos.

Na verdade esse desenvolvimento da hipótese da comunicação todos-todos quando transposto para a esfera da imprensa sofre desníveis. Um caso típico desse quadro é o Brasil. Com a abertura da Internet para acesso comercial e doméstico no país

¹ PALACIOS, Marcos. GONÇALVES, Elias. Três modelos de jornalismo personalizado na Internet: as experiências do fishwrap, pointcast news e crayon. Textos, Salvador, FACOM/UFBA, n. 35, jul., 1996. p. 141-154.

² LEVY, Pierre. *tecnologias da inteligência*. São Paulo: Editora 34, 1993.

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



em 1995, começaram a surgir versões on-line dos jornais tradicionais. Porém, significativas correntes de publicações, que não possuíam um modelo material prévio, também se fizeram manifestar no novo ambiente de comunicação.

Tal tendência não é exclusiva do caso brasileiro. No mundo inteiro, com a Internet, se viu casos semelhantes. As razões principais para tal são: o baixo custo de produção de uma publicação on-line e o fim da necessidade de possuir uma rede de distribuição complexa e de altos custos para circular a informação. Passa-se de um modelo em átomos, para um modelo em bits.³ Criam-se assim alternativas de distribuição de informação jornalística aos modelos hegemonicamente consolidados.

O cenário que se cria, no caso brasileiro, é uma convivência em paralelo dos modelos tradicionais adaptados e transpostos ao novo ambiente, e por outro lado, uma miríade de veículos sem referente material, de direcionamento a públicos específicos, e com uma lógica de disponibilização de informações que fogem ao modelo tradicional.

Assim, podemos constatar que a hipótese da comunicação todos-todos se confirma em uma série de produtos desenvolvidos na Internet. O e-mail certamente é a mais bem acabada resolução nesse sentido, mas não podemos deixar de citar os significativos casos recentemente acontecidos como o do Napster, Kazaa, Morpheus e Lime Wire. Esses aplicativos P2P⁴ proximam de forma mais radical a concepção de Levy da rede mundial como modelo de comunicação todos-todos. Porém os desníveis aos quais no referimos logo acima se apresentam, em boa parte, quando observamos os aspectos constitutivos do jornalismo on-line e suas práticas.

A ressalva que podemos colocar é que a Internet como existe não pode ser caracterizada apenas como uma mídia, pois possui a característica de se adaptar a diferentes modelos de suporte e formato de discursos. A idéia pertinente a esse aspecto,

³ NEGROPONTE, Nicholas. *A Vida Digital*. Cia das Letras. São Paulo, 2^a ed. 1996. No seu trabalho, Negroponte valora o impacto da distribuição de informação pelas novas tecnologias, a medida em que essas informações são trocadas de um modelo material (átomos) para um modelo computo-informacional (bits).

⁴ P2P é a sigla para aplicativos person-to-person, ou seja programas que conectam diretamente computadores pessoais de usuários localizados fisicamente em lugares distintos. Esses aplicativos estabelecem a conexão direta entre as pessoas, de forma descentralizada, ou seja, os conteúdos não estão estocados em nenhum computador central e sim nas máquinas dos usuários. Assim, permite-se que troquem arquivos digitais das mais diferentes naturezas, como de texto, som, vídeo, programas em geral, fotos, etc.

¹ Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



se aproxima bastante do que foi levantado por LEMOS (1999) como Incubadora Midiática. Essa idéia, coloca-se como entendimento da rede não como um novo tipo de mídia, mas sim um fator de geração de novos processos midiáticos.

“Mas e a Internet? Ela não é uma mídia no sentido clássico, massivo (um – todos). Se com as mídias de massa o conteúdo é dependente da forma (TV - ondas hertzianas, rádio - AM ou FM, jornais - papel), a rede não formata o fluxo de informação de maneira única. Não "fazemos" Internet como assistimos TV, ouvimos rádio ou lemos os jornais e revistas. Utilizamos, quando conectados à rede, diversas mídias: conversamos em um chat, navegamos na Web,⁵ ouvimos rádio ou assistimos TV, trocamos e-mail, participamos de newsgroups, enviando um vídeo... E tudo ao mesmo tempo. Nesse sentido proponho que a Rede seja vista como uma “Incubadora Midiática”, um ambiente propício à proliferação de novas formas midiáticas (RV, por exemplo) bem como a adaptação das antigas formas dos mass-media. A Rede, como o próprio nome indica, é um ambiente entrelaçado (rizomático) permeado de instrumentos de comunicação (as diversas mídias). Ela é mais uma gestadora de mídias, uma incubadora de instrumentos de comunicação do que uma mídia em sentido clássico” . (LEMOS, 1999.)⁶

Dessa forma, Lemos amplia o conceito da rede enquanto “ambiente midiático”, pois, não há apenas a multiplicidade de mídias transpostas para os modelos digitais, mas sobretudo o engendramento na rede, de novas relações envolvendo as características midiáticas específicas de cada suporte.

Assim considerar que a digitalização de conteúdos e estabelecimento de uma rede planetária colocam por si só as condições para uma comunicação todos-todos para diferentes modelos comunicacionais é no mínimo uma pretensão

⁵ Apesar do autor deixar subentendido que a web (ou www) faz parte da Internet, e não representa a sua totalidade, reforçamos essa distinção. Na verdade a Internet é uma rede de redes, da qual a *World Wide Web* é uma de suas redes constituintes.

⁶ Intervenção do Prof. Dr. André Lemos na lista de discussão de jornalismo online da FACOM – UFBA, em 21 de agosto de 1999.

¹ Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



teórica. Podemos perceber que paralelamente caminham potências comunicacionais diferentes. Permanecem as necessidades de comunicação massiva, indiferenciada que claramente assumem as funções de dar conta da problemática contemporânea (caso explícito dos jornais) como potencializam-se os suportes que praticam a comunicação interpessoal. Atualizado a questão levantada por Palacios e Machado, poderíamos dizer que a Internet é o primeiro ambiente de comunicação que permite não apenas a simultaneidade da comunicação massiva e personalizada e sim podendo acrescentar a interpessoalidade engendrada em um processo de coletividade, não necessariamente massiva.

É evidente que temos um alargamento das possibilidades de aparição de uma série de veículos jornalísticos on-line. Porém, o que podemos colocar é que essa pulverização de publicações, formando um horizonte extremamente heterogêneo, é acompanhada dentro do processo de transposição e convivência entre o jornal impresso e on-line por uma antiga contradição existente na prática jornalística como um todo: a presença dos mesmos assuntos na pauta diária dos jornais.

Nos veículos on-line, O problema-síndrome caracteriza-se por uma sistemática similitude presente em diferentes veículos on-line. Esse estado de coisas pode ser caracterizado em três níveis: permanência da previsibilidade, homogeneidade e repetitividade da cobertura diária.

Certamente esse fenômeno não pode ser enquadrado exclusivamente na esfera do on-line. O jornalismo de uma forma geral, mesmo variando de veículo, plataforma e tratamento seguem um agendamento homogêneo, de acordo com o *mix* de fatos em evidência. Porém o problema persiste com interesse quando nos voltamos para observar esse fenômeno nas agências de notícias ou veículos totalmente on-line, sem correspondentes no mundo material.

Em uma rápida observação⁷ com fins a coletar dados para a fundamentação desse artigo, surge a princípio de maneira mais evidente, a síndrome do super-pauteiro.

⁷ A observação foi realizada na última semana de abril, entre os dias 21 a 27. A princípio procurou-se levantar o quadro qualitativo de distribuição dos assuntos analisados segundo a classificação que incorporasse as editoriais clássicas como, política, esportes, internacional, nacional, ciência, saúde, 1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Esse fenômeno caracteriza-se pela evidente similitude entre os órgãos nas escalas de cobertura das matérias. Assim, em uma primeira análise, podemos perceber nesse fenômeno em dois níveis diferentes: o primeiro, uma semelhança entre os diferentes veículos no que toca ao horizonte da cobertura. O segundo, mais grave, na contradição de se trabalhar no on-line com práticas arraigadas da cultura do impresso e, subseqüentemente, na transposição não só das práticas como dos vícios.

O levantamento demonstrou a seguinte divisão quantitativa do bolo noticioso segundo a fragmentação editorial:

Órgão informativo	Total de matérias apuradas*	Política	Esportes	Brasil	Internacional	Economia	Saúde e Ciência	Informática	Cultura, diversão	outros
-------------------	-----------------------------	----------	----------	--------	---------------	----------	-----------------	-------------	-------------------	--------

- período: semana de 21 a 27 de abril.

Agência Estado	938	16,6%	15,8%	18,7 %	18,1%	13,1%	5%	6%	4%	2,7%
Folha on-line	1.270	15,4%	16,5%	18,3 %	17,6%	12,5%	4,6%	5,1%	6,8%	3,2%
Jornal do último segundo	2.415	11,5%	25,7%	13,5 %	27,3%	7,7%	3,8%	4,5%	3,9%	2,1%

O que podemos perceber segundo esse quadro é uma extrema similitude quantitativa entre os sites da Agência Estado e da folha on-line. As razões para isso acontecer podem ser colocadas sob a perspectiva que esses dois órgãos pertencem a estruturas de trabalho (agências de notícias, no caso, a Agência Estado e a Agência folha) que possuem modelos de operação semelhantes. Ambos são grupos brasileiros, localizados em São Paulo, fornecem material e conteúdo para órgãos próprios, sejam

economia, informática (e tecnologia), cultura e diversão, cidades. Em um segundo corte, procurou-se ver como os aspectos de homogeneidade, repetição e previsibilidade se manifestavam.

Como homogeneidade entendamos uma semelhança de matérias presente no recorte de cobertura diária do site. Como repetitividade, classificamos a presença do mesmo fato em órgãos diferentes. Como previsibilidade, definimos o caráter mais subjetivo da análise, ou seja, a possibilidade (definida como baixa, média, ou alta) de um fato por sua vez presente em um veículo estar em outro. Nesse nível analisávamos alternadamente a ordem de visita aos sites, de forma a poder estabelecer um roteiro de troca de sentido na verificação desses assuntos. Os veículos on-line analisados foram: a Agência Estado, o Folha On-line, e o Jornal do Último Segundo do Portal IG.

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



internos e afiliados e sobretudo, segmentam o quadro de conteúdos de forma semelhante.

Já os desníveis de alguns números em relação ao Jornal do Último Segundo, acontecem principalmente por esse veículo estar utilizando no momento da observação uma estratégia híbrida de disponibilizar notícias próprias e através de convênios, dispor de material de terceiras fontes, como por exemplo agências especializadas em esportes, e usando material de outras agências internacionais. Com isso, é até certo ponto previsível que os percentuais de esportes e internacional/ mundo no caso do Jornal do Último Segundo sejam mais elevados.

Isso se deve também a uma opção de política editorial on-line diferenciada dos outros dois exemplos citados na observação: a Agência Estado e a Folha On-line. Enquanto esses dois últimos casos, apesar de trabalharem no modelo de disponibilização em tempo real, alimentam os seus respectivos portais com uma dinâmica que busca uma consolidação dos fatos, não escolhendo um modelo de trabalho ‘apressado’ o Último Segundo, por sua vez opta nitidamente pelo estilo *hard news* levado ao limite do paroxismo, ou seja “a notícia mais importante é a última notícia”. Nesse caso, é nítida a opção pela pressa como recurso de produção. Alguns fatos comprovam isso, vamos a eles, apenas como forma de exemplificação do nosso raciocínio: na listagem de matérias nenhum intervalo de notícia durante os dias observados chegou a ser superior a 4 minutos e meio. Esse foi o tempo máximo. Em outros casos, mais em horário de pico, o Jornal do Último Segundo chegou a disponibilizar cinco matérias dentro do mesmo minuto, que, a propósito tinham como assuntos: a quebra dos recordes de audiência pela versão mexicana do *Reality show Big Brother*, a aceitação por Yasser Arafat para ser libertado perante um acordo, o ataque na escola Gutenberg na Alemanha, a nomeação do novo vice-presidente venezuelano, e por fim a morte da criadora da boneca Barbie.

Fora simplesmente de detectar ou não a presença das três variáveis que estabelecemos (repetitividade, homogeneidade e previsibilidade) o caso do Jornal do Último Segundo demonstra nitidamente o modelo da quantidade e não definição de linha de trabalho em relação aos textos. Trata-se mais de um balcão de notícias para



agregar valor ao portal IG, do que propriamente uma priorização das funções jornalísticas enquanto proposta de site.

Conferindo os dados normalmente desprezados na forma da coluna “outros”, pudemos observar que os três casos também dedicam percentuais extremamente próximos a categorias que abordam por exemplo dinâmicas de minorias (negros ou questão étnica, gays, presidiários, desabrigados, etc) questões públicas (saneamento, saúde pública, trabalhos de ong’s) cultura alternativa (música alternativa, filmes, religiões afro-brasileiras, cultura underground). Nesses casos as formas de silêncio são parecidas, e os assuntos são igualmente relegados a percentuais ínfimos dentro do bolo geral.

A título de exemplo observamos especificamente 5 categorias de notícia para ver como elas apareceriam dentro da observação, em números percentuais:

Órgão informativo	Negros ou questão étnica	Movimento do sem terra	Gays, lésbicas	Religiões afro-brasileiras	Atividades de ongs
--------------------------	--------------------------	------------------------	----------------	----------------------------	--------------------

Agência Estado	0,2	0,4	0,1	0,1	0,6
Folha On-line	0,1	0,3	0,1	0,1	0,7
Jornal Último Segundo	0,2	0,4	0,2	0,0	0,3

De certa forma as duas tabelas aqui apresentadas demonstram um forte indício de homogeneidade presente nos três órgãos pesquisados. Assim analisando mais profundamente a questão e adotando métodos para ver que percentual de assuntos em cada dia observado podia ser encontrado nos outros órgãos tivemos os seguintes resultados:

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



- Percentual de matérias da Agência Estado cujo assunto estava presente:
 - No jornal do Último Segundo = 32%
 - Na Folha On-line = 26,4%
- Percentual de matérias da Folha On-line estado cujo assunto estava presente:
 - No jornal do Último Segundo = 30,3%
 - Na Agência Estado = 26,4%
- Percentual de matérias do Jornal do Último Segundo cujo assunto estava presente:
 - Na Agência Estado = 32%
 - Na Folha on-line = 30,3%

O que mais chama atenção nesses dados puramente qualitativos é a extrema regularidade percentual que oscila em torno de 26 a 32 pontos percentuais. Ou seja, considerando-se que se tratam de órgãos comunicacionais on-line é excessivamente similar o grau de repetitividade dos assuntos recortados na dinâmica diária dos mesmos.

Em um nível subsequente, procuramos elencar na observação as temáticas enfocadas pelos veículos, não restringindo somente aos modelos de editorias. Assim, procuramos mapear tanto os assuntos mais evidentes no agendamento, como os que são parciais ou totalmente silenciados. Sempre que possível, procuramos rastrear notícias que tenham se desdobrado das que foram primeiramente observadas como forma de verificar uma possível sobrevida da notícia dentro da lógica mais flexível do on-line reconhecida como “notícias em camadas”.

Elencando por sua vez, os núcleos noticiosos mais citados em cada órgão e estabelecendo um *ranking* também meramente quantitativo dos cinco assuntos mais abordados tivemos como resultados:

- Agência Estado:
 - 1 – Conflito no oriente médio.
 - 2 – Sucessão presidencial.
 - 3 – Terrorismo no mundo.



4 – Crise econômica da Argentina.

5 – futebol ou copa do mundo.

• Folha On-line:

1 – Conflito no oriente médio.

2 – Crise econômica da Argentina.

3 – Sucessão presidencial.

4 – Terrorismo no mundo.

5 - Futebol ou copa do mundo

• Jornal do Último Segundo:

1 – Conflito no oriente médio.

2 – Terrorismo no mundo.

3 – Crise econômica da Argentina.

4 - Conflito no oriente médio.

5 – Futebol e copa do mundo.

Coincidência? De forma alguma. O horizonte de cobertura desses três sites apresenta uma assustadora previsibilidade do que pode ser visto a qualquer momento do dia. Entre outras coisas podemos detectar primariamente uma fortíssima tendência de visão homogênea e pasteurizada de mundo, um tipo de “mais do mesmo” ou “variações sobre um mesmo tema noticioso”.

Contextualizando o debate dentro da lógica do ciberespaço, podemos entender que nos casos observados há o caráter de serem veículos mais voltados para uma cobertura e atualização do tratamento noticioso em moldes mais tradicionais, ou mais especificamente, o privilégio de certo temário de assuntos. Ficaria assim, dentro dessa lógica, o assunto mais periférico ou especializado para órgãos que igualmente tivessem uma proposta idem, ou seja, fragmentando os veículos segundo uma lógica menos massificada e mais relativa.

Castells (1996: 376) já colocava uma necessária relativização entre a idéia de uma liberdade total dos conteúdos na rede em equilíbrio com os núcleos de poder, presentes em boa parte de dinâmicas transpostas do mundo real e de átomos. O autor



afirma que temos, no modelo estabelecido pelas redes, uma mudança de eixo entre as relações de tempo e espaço. Na análise, a hipótese que surge, é o espaço que organiza o tempo: *“The ordering of sequences (space and time) is not random: unlike the most classical social theories, that assume the domination of space by time, I propose the hypothesis that space organizes time in network society”*.⁸

No caso da tecnologia da informação interrelacionada com as telecomunicações há, segundo o autor, o estabelecimento de um estado de ubiqüidade para, por exemplo, a divisão dos locais e tempos de trabalho. Nesse sentido, o que se coloca pelo modelo da sociedade informacional defendida por Castells, é uma substituição de um estado de coisas, onde teríamos ao invés de um espaço de lugares, um modelo de *espaço de fluxo*, que se caracteriza em três níveis condicionantes:

A – Um primeiro, pertinente à infra-estrutura técnica operante.

B – Um segundo, ligado à projeção e interconexão de características locais específicas permitidas pela rede.

C – Um terceiro nível que seria associado ao uso hegemônico da estrutura da rede por grupos dominantes.

Tais níveis, apesar de apontarem para posições gerais, são pertinentes neste artigo, pois condicionam o modelo de operação, produção e consumo da informação jornalística contemporânea.

Segundo o autor:

*(...) The first Layer, the first material support of the space of flows, is actually constituted by a circuit of electronic impulses (microelectronics, telecommunications, computer processing, broadcasting systems, and high speed transportation – based on information technologies) that, together, form the material basis for the the process we have observed as being strategically crucial in the network society. (CASTELLS, 1996: 411-412).*⁹

⁸ A ordenação das seqüências (espaço e tempo) não é aleatória: ao contrário da maioria das teorias sociais clássicas, que assumem a dominação do espaço pelo tempo, eu proponho a hipótese que o espaço organiza o tempo na sociedade em rede. Tradução Própria.

⁹ “A primeira camada, o primeiro apoio material do espaço de fluxos, é constituída por um circuito de impulsos eletrônicos (microeletrônicos, telecomunicações, processamento computacional, sistemas de 1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Assim, o modelo das redes não é um espaço inexistente, imaterial. Na proposição do espaço de fluxo, os lugares não desaparecem, mas sim adquirem um significado de inter-relação entre si, condicionado pela lógica das redes.

No campo específico da comunicação em rede, como por exemplo, o jornalismo on-line, a idéia do *espaço de fluxo*, recoloca a questão do processo comunicacional presente nas redes, não como um desdobramento linear de fatores, ao contrário, temos instaurada uma tendência à circularidade, a troca de papéis entre emissor e receptor, onde os pontos de partida e chegada de um fenômeno comunicacional estão em aberto, variando, alterando e sendo alterados à medida em que os próprios pressupostos de percurso vão sendo colocados nessa fluidez de possibilidades atualizáveis. Em outras palavras, o *espaço de fluxo* reconfigura as relações temporais da contiguidade do próprio processo comunicacional, propondo uma circularidade nas ações dos agentes comunicadores.

Não à toa, Castells coloca como sendo a segunda camada constituinte dos espaços de fluxo, justamente os nós da rede, ou seja, justamente baseados na rede eletrônica, configura-se uma dinâmica que, apesar da lógica a princípio dissociada dos espaços físicos, não caracteriza-se como um não-lugar (*placeless*). A razão para aparente paradoxo, é que a sociedade informacional, através da infra-estrutura técnica da rede, conecta-se a lugares específicos, agregando nesse fluxo de informações, valores e características sócio-culturais, econômicas, físicas, e funcionais.¹⁰

Por esse corte, a rede, fora da lógica do discurso totalizante, constitui-se também no modelo onde tais lugares estão em permanente jogo interacional com o restante. Diferentemente de Levy (1993), Castells coloca que a rede é passível de totalizações e hegemonizações, porém sem que haja nesse processo uma anulação das inter-relações existentes fora do modelo hegemônico. Ou seja, no jogo dinâmico das redes, há uma

difusão e transportes em alta velocidade - baseado em tecnologias de informação) que juntos formam a base material para o processo que nós observamos como sendo estrategicamente crucial na sociedade em rede”. Tradução própria.

¹⁰ Ibidem, p. 413.

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



organicidade presente, apontando vantagens e desvantagens para determinados projetos (ou sites – lugares) em função de posicionamentos mais ou menos estratégicos dentro da teia.

O que temos definitivamente colocado diante desse estado de coisas, é a diferença da rede como espaço livre, porém com uma cisão clara entre o jornalismo estabelecido e o alternativo. O jornalismo tradicional apresenta uma forte homogeneidade de tratamento, o que em um estudo mais detalhado pode confirmar a hipótese do condicionamento do fazer jornalismo preso à prática tradicional, apesar da existência da rede como fator de condicionamento.

Complementando, MCADAMS (1995), já chamava a atenção para a metáfora de organização de um jornal on-line em função do impresso. Apesar do artigo da mesma tratar basicamente dos modelos formais adotados, relativos a apresentação e a prática produtiva, vemos, nessa nossa breve observação que dentro dos modelos de informativos consolidados, transposição se estende também para o campo das pautas, não superando como vimos problemas presentes no jornalismo, on-line ou não: a homogeneidade, a repetitividade e a previsibilidade. Certamente, no caso específico do jornalismo como um todo, vemos que há diferentes técnicas de produção. Mas não muitos usos diferentes da técnica em função do percurso sempre necessário e inevitável entre fato, tratamento, conteúdo e mediação.

Porém, o problema persiste sério quando, mesmo com todas as lacunas e falhas que um levantamento quantitativo é feito, observamos uma presença estrutural forte de práticas jornalísticas de tratamento e disponibilização da notícia nas plataformas on-line que pesam na balança da previsibilidade, homogeneidade e repetitividade. Como se estivéssemos lendo um único jornal on-line, ou melhor, como se o mesmo usasse a mesma matriz de recursos de pauta, apuração, reportagem, edição e distribuição. Esse estudo foi feito de maneira rápida em vistas a necessidade de ser atualizado ao máximo e no limite de envio para o congresso da Intercom. Certamente melhores arranjos metodológicos poderiam aperfeiçoar o cruzamento de dados e chegar a conclusões mais precisas. Ao mesmo tempo em que detectamos a existência do tríplice problema do



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

dejà-vu onipresente, fica aqui a proposta do caso ser compartilhado por outros pesquisadores que sintam curiosidade.

Referências Bibliográficas.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em Rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

LEMONS, André. <lemons@ufba.br>, “Morte aos portais”, 06/00, <cibercultura@ufba.br> (11/06/00).

_____. “Andar, clicar e escrever hipertextos”.

LEVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. As tecnologias da inteligência. São Paulo: Editora 34, 1993.

MCADAMS, Melinda. “Inventing an Online Newspaper”. <<http://www.sentex.net/~mmcadams/invent.html>> (05/04/98).

MORAES, Dênis de. A dialética das mídias globais. In: Globalização, mídia e cultura contemporânea. Campo Grande, Letra Livre, 1997. p. 11-75.

NEGROPONTE, Nicholas. Vida Digital. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PALACIOS, Marcos Silva; GONÇALVES, Elias Machado. Três modelos de jornalismo personalizado na Internet: as experiências do fishwrap, pointcast news e crayon. Textos, Salvador, FACOM/UFBA, n. 35, jul., 1996. p. 141-154.

RODRIGUES, Adriano. A Dimensão logotécnica da comunicação. In: Estratégias da comunicação. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

SILVA JÚNIOR, José Afonso da . Jornalismo 1.2: características e usos da hipermídia no jornalismo, com estudo de caso do Grupo Estado de São Paulo. Dissertação de mestrado. FACOM – UFBA, 2000.

STARK, Richard. The newspaper of the future. The electronic library, Oxford, v.12, n.4, ago., 1994. p.245-47.

VIEIRA, Toni André Scharlau. “Jornais eletrônicos feitos ‘a chumbo’”. *Sala de Prensa*. junho de 1999, <<http://www.saladeprensa.org/>> (24/09/99).